

Os dados de captação de leite sob inspeção no primeiro semestre, as variações de preços, custos e a taxa de câmbio são os destaques da conjuntura neste mês. No cenário internacional, os preços de quase todos os derivados negociados no último leilão GDT recuaram. O preço do leite em pó integral caiu 1,8% para US\$2.738/tonelada, enquanto a manteiga registrou ligeiro recuo, ficando em US\$4.270/tonelada. A motivação para as quedas está relacionada, principalmente, ao crescimento da safra na Oceania, além de aumentos de oferta na União Europeia e Estados Unidos, gerando maior disponibilidade no mercado internacional. Por outro lado, a demanda global segue relativamente fraca.

No mercado brasileiro, o IBGE divulgou a pesquisa trimestral do leite, com dados do leite adquirido sob inspeção. Quatro pontos chamam a atenção: 1) a aquisição recuou 0,4% no primeiro semestre em relação ao mesmo período do ano passado; 2) em maio, em função da greve dos caminhoneiros, a captação caiu 9,3% em relação a maio de 2017. Em volume, essa queda de maio foi equivalente a 176,7 milhões de litros; 3) a queda não foi uniforme nos principais Estados produtores. São Paulo foi o mais afetado, com um recuo de 60,2 milhões de litros, ou seja, 34% de toda a queda verificada (Figura 1). Isso porque São Paulo acaba trazendo mais leite de outros Estados e foi mais prejudicado pelos bloqueios das principais rodovias; 4) finalmente, considerando o desempenho do primeiro semestre, espera-se que a produção inspecionada em 2018 tenha um crescimento muito próximo de zero. Vale lembrar que o 2º semestre de 2017 foi o melhor da série histórica de produção, com 12,8 bilhões de litros.

A greve dos caminhoneiros também teve seu efeito sobre os preços do leite, que aliada ao período de entressafra, acabou levando a uma forte alta em julho e agosto, quando atingiu R\$ 1,66 por litro pago ao produtor, na média Brasil. Essa alta ao produtor já perdeu força, visto que, no mercado consumidor e na indústria, os preços já iniciaram uma queda. É normal um recuo de preços ao produtor a partir de agosto, em função da própria sazonalidade de produção. A

dúvida principal é sobre o tamanho da queda, mas acreditamos que não seja tão acentuada como a observada no 2º semestre de 2017. Essa suposição está baseada em três pontos principais: 1) o volume de importação é menor; 2) a expansão da oferta tende a ficar relativamente estável na comparação com o ano passado. Assim, apesar do consumo estar fraco, não há um excedente de produção que leve a uma queda muito acentuada; 3) apesar da elevação recente de preços ao produtor, os custos seguem em alta, sobretudo os relacionados à alimentação animal. E neste ano em particular, o comportamento do concentrado foi atípico, com elevação de preços em plena safra de grãos. Lembrando que a próxima grande safra de milho no Brasil será no inverno de 2019. A taxa de câmbio é outro fator que tem pressionado os custos, a qual atingiu níveis superiores a R\$ 4 por dólar no final de agosto. Em um estudo feito por nossa equipe, considerando preços de 2006 a 2018, verificou-se que o câmbio está mais alinhado ao custo de produção do que aos preços do leite pagos ao produtor. A correlação entre o custo de produção de leite e a taxa de câmbio foi de 0,84. Portanto, neste momento de início do plantio de silagem, o impacto do câmbio em combustíveis, fertilizantes, defensivos e sementes é preocupante.

Um outro fator de preocupação refere-se as margens dos laticínios, que desde meados de 2016 permanecem deprimidas nos mercados de UHT, pó e muçarela. Em contraponto aos fatos expostos acima, esse é negativo para os preços ao produtor.

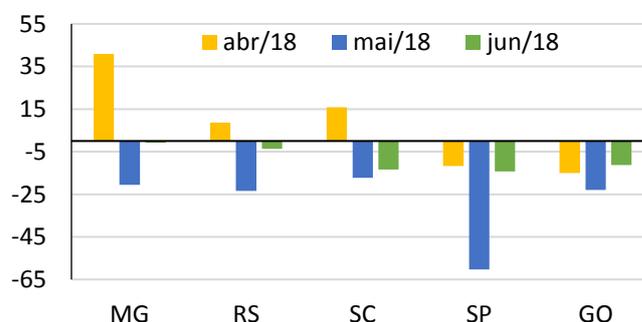


Figura 1. Variação mensal do volume de leite adquirido em Estados selecionados em relação ao mesmo mês do ano anterior: em milhões de litros.

Fonte: IBGE, elaborado pela Embrapa